



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e Administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.

Lisboa - PORTUGAL

End. telegr. *Batalha* - Lisboa • Telefone: 111

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Res, non verba

Publicam-se em Portugal algumas dezenas de jornais operários, e quem tiver por hábito percorrer-lhes um pouco terá notado que é convicção comum a todos eles a proximidade da Revolução. Não espanta grandemente uma tal unidade de vidas, posto que da iminência da Revolução há tantos e tão claros indícios que não se admitem, a respeito do assunto, dois critérios diferentes. Mas ainda num outro ponto a imprensa operária fala em perfeito unísono, e consiste elle na necessidade de encetar-se já um aturado trabalho preparatório que facilite o advento da Revolução e garanta depois o seu triunfo e estabilidade das suas conquistas. «Preparamo-nos, preparamo-nos!» vem a ser o mot d'ordre generalizado a todas as tribunas operárias do país. E dá gosto ver a maneira clara, por que, em todos os centros sindicais, se examina a situação e se conclui pelos caminhos que preferentemente importa trilhar agora. Lamentável seria, contudo, que só na apresentação do programa nos ficássemos, não cuidando de levá-lo à prática. Desconsolador seria que, após haver gritado «Preparamo-nos!» não pensássemos seriamente em preparar-nos, assim nos tornando equivalentes dos políticos que gritam «Trabalhemos!» com a intenção perfeitamente assente de não fazer absolutamente nada. Lamentável e desconsolador que isto é, não admira contudo que sucedesse, dado que o ambiente nacional, contaminado até ao íntimo pela laracha, excepcionalmente se prestava à apresentação de programas pomposos que impunemente se esquecem. A organização operária, *toda*, impensa, inítiata, sindicados, gritou o «Preparamo-nos!», convicida se mostrando de que a preparação era indispensável, constituindo mesmo a mais importante tarefa do momento. Pois bem! Caremos de fazer coincidir as nossas palavras com os nossos actos. Não percamos mais tempo a averiguar necessidades e consagremos nos todos à obra de fazer desaparecer essas necessidades, todas quantas surjam, que todas elas podem aplanar-se quando haja a fazer-lhes frente a decisão e a persistência requeridas.

Devia começar a funcionar hoje, na cidade de Beja, o quarto congresso dos trabalhadores rurais. Circunstâncias surgiram que fizeram os organizadores dessa importante reunião a estabelecer-lhe um adiamento, do duraçãoinda desconhecida. Supomos todavia que não dista de muitas semanas a realização do congresso referido.

Realmente, como demonstração de econônia, não se pode fazer mais e melhor em tam pouco tempo.

Que camaradinhos! Segundo ali- guns jornais, deu-se um golpe de estado monárquico, em Berlim, sendo destituído o governo e dissolvida a assembleia nacional constituinte. Os mestres social-democratas Ebert e Noske, que fizeram fusilamentos espartaquistas que combatiam a sério o imperialismo militarista, botaram manifesto, em nome do governo regular, convidando os trabalhadores a responderem com a greve geral ao golpe de Estado.

Como elas nas horas difíceis se lembraram do proletariado! Porque a produção agrícola é verdadeiramente essencial, e porque a revolução, falemos com franqueza, estabelecer-se hia miseravelmente, pouco tempo após a sua eclosão, se faltasse pão para dar aos que tivessem fome. Ora o trabalho do Congresso Rural, como o de todos os congressos, é de duas espécies.

Primeiramente, os rurais tem de garantir, em regime burguês, as regalias conquistadas, tem de pensar nos seus salários, tem de procurar defesas contra o chômage e contra os lavradores, tem de combinar planos de ataque contra os numerosos e variadíssimos inimigos que actualmente se encarriçam para explorar ou deprimir os que trabalham. Mas, em segundo lugar, cumpre aos rurais discutir e assentir num programa de ação a realizar amanhã, quando a Sociedade Nova, lhes houver confiado a direcção das culturas, deles esperando aquilo que a elas compete fornecer. O misero cavador de hoje não aqueles se mostrarem razoáveis.

Uma medida extemporânea As padarias estiveram ontem guardadas por forças da guarda republicana, em virtude das autoridades alimentarem a suspeita de que os manipuladores de pão se lançaram na greve.

Foram extemporâneas as precauções do governo, por quanto a classe dos manipuladores de pão, conforme consta da nota que o respectivo sindicato tem fez publicar na *Batalha*, procurará por todos os meios evitar a greve, e a sua *budine* mordiscando a ponta do charuto:

«E faço tudo isso, pratico esses crimes porque? Porque preciso de viver, de ganhar dinheiro e o único meio de que disponho para alcançar esse objectivo é alugar o talento que posso, sendo ainda compelido pelas duras exigências do estómago, a como qualquer bom comerciante que valoriza os seus produtos, fazer valer os meus artigos. Criada esta situação, fui arrastado para o mer-

À MARGEM

FILOMENO, jornalista profissional

Esbóço dum figura que, modificada para pior, todos conhecerão

A sua figura gordalhuda ainda cabria la na minha memória e hoje, que estou arredado do mundo por uns bons dois metros de parede-mestra, vou falar dele, entregando-me a um soliloquio que os cilindros impertinentes duma rotativa se encarregaram de devassar. Filomeno, Filomeno Garcia, jornalista profissional, i quem o não conheceu em Lisboa? Começou baixinho, lá isso começou, vendendo onças de *superior* num estande da *Bos Vista*, ate que um dia a morte do pai lhe retirou a manutenção e o obrigo pôs-se em busca de faina que lhe deu para o come. Mas desde então subiu muito ou subiu, neste Lisboa madrizante e insignificante, empurrado a tal ponto que qualquer pobre diabo com as pupilas mais rasgadas que os demais, conseguia trazer agarração ao arpanjo, audaciosamente, lançando no mar turvo da capital, um noce suculento. Aos trambulhos na vida, Filomeno, i quem o não conheceu em Lisboa? Começou baixinho, lá isso começou, vendendo onças de *superior* num estande da *Bos Vista*, ate que um dia a morte do pai lhe retirou a manutenção e o obrigo pôs-se em busca de faina que lhe deu para o come. Mas desde então subiu muito ou subiu, neste Lisboa madrizante e insignificante, empurrado a tal ponto que qualquer pobre diabo com as pupilas mais rasgadas que os demais, conseguia trazer agarração ao arpanjo, audaciosamente, lançando no mar turvo da capital, um noce suculento. Aos trambulhos na vida, Filomeno,

canarismo dos jornais e agora já não me pertença, já não sou eu quem escreve, utilizando-me da pena simplesmente para tornar viáveis os *true's* interesses grosseiramente expostos pelos desmobilizados que invadiram a política, a finanças, o comércio, o teatro, tudo enfim! Disto resulta a minha doença. Dentro do meu peito há dois Filomenos. Um acompanha os financeiros e os políticos, faz-lhes o jongo, leilos a pena e o talento; o outro, censura constantemente o primeiro, berrando-lhe que a imprensa é realmente o mais alto bastião da liberdade, mas um bastião cheio de brechas, abertas pelos inúmeros Filomenos que o guarnecem. E é esta a minha situação: sofrido muito, dilacerado-me por quem não possa alcançar aquela calejamento de consciência da maioria dos homens que tem ofício igual. Apesar de viver regularmente, apesar dos grandes cumulares de benesses, cada vez que lanço mão da pena para os defender, cada vez que forjo uma nova fábilidade para estrangular protestos que entram entre a opinião pública, sinto pena muita, aparentemente talvez, mas que é pena, e que o meu é, crescer em cotação e discrepou gravemente, em editoriais longos, sobre questões trascendentais.

Desde então, sempre o vento correu de feição para Filomeno e, saltitando de feição para jornal, assimilando-o, interminável noite dum inverno já longinquinho, enquanto eu batia os pés enregelados e seguia com a vista um sereno que percorria diariamente com as pupilas mais rasgadas que os demais, conseguia trazer agarração ao arpanjo, audaciosamente, lançando no mar turvo da capital, um noce suculento. Aos trambulhos na vida, Filomeno,

assim me falou Filomeno, gordalhudo, o pescoco sanguíneo, por uma inter-

venção, a liberdade de trabalho em todo o concelho, sendo preos todos os indivíduos que forem encontrados a inciar a greve ou

a impedir o trabalho dos operários recorrendo a violência para manter a ordem pública, caso venha a ser alterada.

Não contente com isto, enviou um ofício ao presidente da Associação da Construção Civil quase de igual teor,

para ver naturalmente se mete o papão.

Só assim os despotasinos mas estejam certo o testemunho que houve

que o agitador que foi ao Barreiro a pedido dos operários dali, é um delegado da Federação Nacional da Construção Civil,

que tem mais autoridade nas questões que ali foi tratar da que a excelência.

Estamos a facio de tudo, a que não é estranho um certo empreiteiro que não quer que os operários do Barreiro tenham os salários que reclamam. E aí vêm quem leva a melhor.

Olhe, senhor administrador: não se meia em coisas em que não é metido nem achado deixe os operários tratar das suas questões, que não precisam de voz para nada. E demais está fazendo o jongo dos outros e servindo de estôrno aos operários.

Ou não se lembrará de que tem namorado em farta?

Veremos o que se passará para relarmos. — O comité local.

Cascais

Tudo corre na melhor ordem, sem desafecimentos, estando tudo completamente paralisado.

A comissão tem entrevistado vários mestres, tendo já conseguido várias adesões. — O comité local.

Almada

Registamos que o nosso movimento

se mantém intratigamente, mos-

trando-se os nossos camaradas dispo-

tos a lutar até à vitória, que se apro-

xima.

Em reunião magna foi aprovada uma moção cujas conclusões são as seguintes:

1.º Não retomar o trabalho sem o

atiúndo total das reclamações formula-

s e sem o comité central o determi-

nante.

2.º Chamar à responsabilidade todos

os operários que, abandonando o

palho por motivo da greve, foram tra-

balhar para outras indústrias. — O co-

mité local.

Póvoa de Santa Iria

Nesta localidade o movimento é ge-

ral, tendo já o construtor sr. João de

Almeida, dado ordens ao seu encarre-

gado para os operários retomar o

trabalho, assim que esteja solutionado

o movimento, com as garantias dos

operários de Lisboa. — O comité local.

SOUVARINE.

Os trabalhadores rurais

iniciam hoje, na cidade de

Beja, os trabalhos do

seu IV Congresso

Devem os trabalhadores rurais, agora

que eletuaram o seu IV Congresso,

afirmar a sua vitalidade e a sua acção

uma vez mais.

Não obstante as perseguições acintosas de que tem sido vítima a organiza-

ção rural, por parte de quantas auto-

ridades tem existido, não obstante as

deportações e prisões dos seus melho-

res elementos, só para satisfação dos

ódios rancorosos e do despotismo san-

guinário dos senhores da terra, ela

realiza agora o seu Congresso, disposta

a mostrar que vive e que trabalha

constantemente pelo seu fortalecimen-

to e pela educação moral, intelectual e pro-

fissional dos homens que a constituem.

Agora, referindo-se negligente-

mente a questões económicas, si-

mulando velhas apenas os manejos

criminosos dum magro quartelão de

agitadores e apresentando soluções de

algibeira para os males sociais, pro-

curando, assim, evitar uma deflagração

dessa revoltas.

Mentalia ainda ao tratar de

questões políticas, apresentando

como autênticos génios criaturas fu-

ndamentais imbecilas, dadas

à sua estimação.

É faço tudo isso, pratico esses cri-

mes porque? Porque preciso de viver,

de ganhar dinheiro e o único meio de

que disponho para alcançar esse ob-

jectivo é alugar o talento que posso,

sendo ainda compelido pelas duras exi-

gências do estômago a, como qualquer bom

comerciante que valoriza os seus produ-

utos, fazer valer os meus artigos. Crie-

sta situação, fui arrastado para o mer-

charuto:

— E faço tudo isso, pratico esses cri-

mes porque? Porque preciso de viver,

de ganhar dinheiro e o único meio de

que disponho para alcançar esse ob-

jectivo é alugar o talento que posso,

sendo ainda compelido pelas duras exi-

gências do estômago a, como qualquer bom

comerciante que valoriza os seus produ-

utos, fazer valer os meus artigos. Crie-

sta situação, fui arrastado para o mer-

charuto:

— E faço tudo isso, pratico esses cri-</p

